

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal Class.: Apurina APR 1980Data: 22/03/80

Pg. \_\_\_\_\_

Lucio Flavio Pinto

190  
Índios e colonos

Em 1972 um fazendeiro, como ele se declara, ou grileiro, como é chamado pelos seus inimigos, chegou a Boca do Acre, na divisa entre o Amazonas e o Acre, e tomou conta de 341 mil hectares de terras, atravessadas pela BR-317. Uma parte eram terras devolutas. Outra, dos índios. João Sorbile começou então a vender as terras, que dizia serem suas, principalmente para colonos paranaenses que iam chegando a Boca do Acre, um dos municípios amazonenses mais distantes da capital, sofrendo por isso mais influência do Estado do Acre.

Tudo ali indica pioneirismo. As mortes têm certa constância, o poder público é inteiramente ausente e a confusão é tão grande que há proprietários dizendo-se donos da própria área onde está instalada a sede municipal. Frequentemente são reveladas denúncias de corrupção na administração pública, acusações cada vez mais relacionadas a transações de terra. O Acre, que está perto, não tem jurisdição sobre Boca do Acre. O Amazonas, que está longe, não liga para os problemas. Eles têm assim campo fértil para desenvolver-se.

Sorbile vendeu quanta terra quis até que o chefe do posto indígena de Boca do Acre, Porfírio Carvalho, decidiu, em 1976, retomar as terras que Sorbile havia tirado de 80 índios Apurina. Numa operação armada, com o apoio da Polícia Federal, Porfírio conseguiu instalar os índios e manter o "grileiro" a certa distância. A Funai iniciou a seguir a demarcação das terras da nova reserva, que passou a ter 18 mil hectares. Tudo parecia caminhar para um desfecho feliz.

Os índios, porém, acabaram percebendo que seu cemitério e os castanhais ficaram fora da reserva, a eles restando terras razoavelmente cansadas. O atual chefe do posto, Ronaldo Lima de Oliveira, reconhece que a reserva deveria ter 84 e não apenas 18 mil hectares. Mas acontece que o cemitério e os castanhais foram vendidos por Sorbile a 350 famílias de colonos paranaenses, que na terra plantaram café com financiamento do Banco do Brasil (30 milhões de cruzeiros). Além do financiamento, todos os colonos possuem escrituras fornecidas por Sorbile.

Mas os índios não querem saber disso e estão pedindo as terras de volta. Espontaneamente, no entanto, os colonos não as devolverão: cientes de que Funai e Inra estariam acertando um esquema para remanejá-los, eles ocuparam nesta semana a delegacia do Inra em Boca do Acre e já anunciaram que só levantarão o acampamento montado se receberem uma resposta positiva. A Contag está do lado dos colonos e a Funai, aparentemente, defende os índios.

O problema, contudo, não se restringe a essa área, no quilômetro 45 da estrada. Há 700 índios Apurina em toda a região, alguns ao redor do posto Camicua, na margem esquerda do rio Purus, e outros espalhados em pequenas posses. Dentro da reserva Camicua, com 44 mil hectares, estão instalados antigos colonos, com até 50 anos de moradia, e agora os índios também pretendem expulsá-los.

Ainda neste segundo caso as forças se dividem: tanistas acham que não deve permanecer nenhum coisa dentro das terras indígenas, mas a Contag tenta mostrar que os lavradores do Camicua exploram suas roças há muitos anos e que remanejar os paranaenses, depois deles terem plantado o café, seria uma crueldade.

Dessa cisão aproveitam-se os grupos ou pessoas que estão interessados em áreas maiores do que as reservadas para os índios ou as que os colonos podem cobiçar. O próprio Sorbile, por exemplo, políticos e corretores de imóveis. Ou mesmo empresas já informadas da fertilidade daquelas terras.

O confronto entre os índios e os colonos é inevitável? Como em muitas outras áreas da Amazônia, tudo parece indicar que sim. Mas seria mesmo inevitável se Inra e Funai não fossem tão incompetentes como têm demonstrado ser em tantos casos? Ou trata-se de uma competência ao inverso, negativa? Não poderia a Funai, por ocasião da retomada das terras usurpadas por Sorbile, ter demarcado integralmente a reserva dos Apurina? Por que excluir justamente o cemitério, que tem um valor econômico para os índios, e os castanhais, que são sua base econômica?

Essa história lembra muito a do posto 7 de Setembro, em Gy-Paraná, Rondônia. A própria Funai demarcou erradamente as terras dos Suruí, permitindo a invasão dos colonos. Depois, quando os índios quiseram expulsar os invasores e estes reagiram ao desalojamento, a situação também ficou sem saída. Ou sem uma saída que não resultasse em morticínio de ambos os lados.

Criado o problema por essa incurável incompetência da burocracia governamental, o próprio governo chega às áreas, como se fosse um profeta do Velho Testamento, pondo em prática soluções iradas.

Um pelotão da Polícia Militar já esteve no posto Camicua, quando os índios impediram o prosseguimento da demarcação da sua própria reserva por não concordarem com os limites definidos pela Funai: armados de fuzis e metralhadoras, os soldados colocaram os índios na parede e os intimidaram. Segundo as notícias dos jornais de ontem, o governador José Lindoso teria solicitado a intervenção do Exército, em Boca do Acre, mas fontes militares negaram que o Comando Militar da Amazônia vá atender a solicitação. "porque esse problema não é da nossa competência". Irá então a PM novamente. O que se pode esperar?

Informantes seguros do Acre dizem que os sertanistas estão radicalizando demais suas posições e impedindo uma solução aceitável para colonos e índios. Os Apurina já estão bastante aculturados e podem chegar a uma convivência pacífica com os lavradores. Mas é óbvio que têm pouca terra: mesmo sendo no total 62 mil hectares, divididos por 700 índios dá menos de 100 hectares "per capita" — um módulo colonial do Inra, portanto. Mas índio precisa de muito mais por causa de sua economia, baseada na caça, na pesca e na coleta, e seus hábitos migratórios. Por que não dar uma solução mais ampla ao caso, desapropriando as terras inexploradas, dividindo-as entre os colonos, indenizando os as benfeitorias dos que estivessem instalados no território indígena, mantendo os demais e garantindo a terra entre índios e lavradores?

Tal desfecho está fora dos planos oficiais?